



Filmes Seriados: Cinema e Prática Social Em Novo Hamburgo Entre Os Anos 1927-1937.¹

Sheisa Amaral da CUNHA
Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar a relação entre o cinema e a construção das identidades a partir do jornal impresso “O 5 de Abril”, primeiro semanário da cidade de Novo Hamburgo. Delimitamos a primeira década de funcionamento do jornal, entre 1927 até 1937 e focamos a pesquisa nas matérias e informações veiculadas a respeito dos filmes que eram divididos em capítulos para serem exibidos em salas de cinema da cidade e como isso permitia uma prática social entre os habitantes. Como metodologia foram fotografadas 493 edições do jornal onde foram encontrados 442 números que veiculavam material sobre cinema. O artigo possui como teóricos principais Chartier, (1991) para as definições de identidade social e Tuner, (1997) para as questões de prática social relacionadas ao cinema.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; filmes seriados; prática social.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de um projeto maior intitulado “O processo de construção de identidades: um estudo sobre a influência do cinema em Novo Hamburgo”, que visa estudar o processo de construção de identidades sob a influência do cinema na cidade de Novo Hamburgo, analisados através do Jornal “O 5 de Abril”, o primeiro jornal impresso do município. A partir dessa proposta foram desenvolvidos estudos sobre a construção de identidades em relação ao cinema. Neste artigo o foco será a verificação das informações publicadas no jornal “O 5 de Abril” sobre filmes em capítulos. A idéia de que os cidadãos de Novo Hamburgo da década de trinta, iam até o cinema para assistir a alguns capítulos de uma história e retornavam na semana seguinte para acompanhar seu final trouxe uma sensação de estranheza e encanto.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Audiovisual, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de Design Gráfico – habilitação mídias eletrônicas e bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS, do projeto “O processo de construção de identidades: um estudo sobre a influência do cinema em Novo Hamburgo”, da Universidade Feevale, orientado pela Prof^a. Dra. Paula Regina Puhl, ligado ao grupo de pesquisa Comunicação e Cultura.



De acordo com Silva, Puhl e Ströher, (2008) o final do século XIX pode ser indicado como marco inicial da história do cinema no Brasil, mais especificamente, o ano de 1898, dois anos após a projeção na França feita pelos irmãos Lumière. As primeiras exibições no país aconteceram na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, Gomes (1996), indica Afonso Segreto como responsável pelo episódio, sendo que este teria feito algumas imagens da Baía de Guanabara com a câmera de filmar, comprada em suas viagens para Paris.

As mais antigas referências sobre cinema em Novo Hamburgo reportam-se ao ano de 1913, quando Adão Adolfo Schmitt alugou o salão de sua casa no bairro Hamburgo Velho para a projeção de filmes. Anos depois, Sara Lanzer, proprietária de uma casa de comércio e freqüentadora assídua do cinema, como capital obtido por um prêmio de loteria, mandou construir uma sala de projeções. Esta sala recebeu o nome de Cinema Central, e funcionava na Avenida Maurício Cardoso. Na década de 40, o Cinema Central foi comprado por Lothário Blankenheim, e recebeu o nome de Cine Aída. No centro da cidade, na década de 1930, o Cinema Guarani foi construído na Avenida Pedro Adams Filho – uma das principais vias da cidade –, pela empresa Jaeger & Venturini Ltda.

Os Blankenheim tiveram grande destaque na trajetória histórica dos cinemas de Novo Hamburgo. Felipe fora um dos sócios fundadores do Cine Guarani, e, ao construir o Carlos Gomes, passou a administração para seu filho Lothário que era violinista e, ao lado da esposa, pianista, tocava antes e durante as sessões de cinema, no período em que este ainda era mudo. Segundo Silva, Puhl e Ströher, (2008) alguns membros da comunidade hamburguense prestaram depoimentos contando que no início a inserção do cinema na cidade foi vista como algo muito estranho já que havia poucas pessoas que justificassem tal investimento. Dessa forma os moradores escolhiam uma roupa e iam ao cinema, pois aquilo era um evento social. As pessoas de diferentes partes da cidade se conheciam no cinema.

Dessa forma a problemática escolhida para o artigo é verificar a relação entre as práticas cinematográficas e o número de filmes em capítulos e matérias relacionadas, entre 1927 e 1937, que foram veiculadas no jornal “O 5 de abril”. A partir do levantamento das matérias iremos analisar de que forma estes filmes interferiram/colaboraram para a construção das identidades. O objeto de estudo conta com o catálogo de 493 edições que contempla o ano de 1927 até 1937.

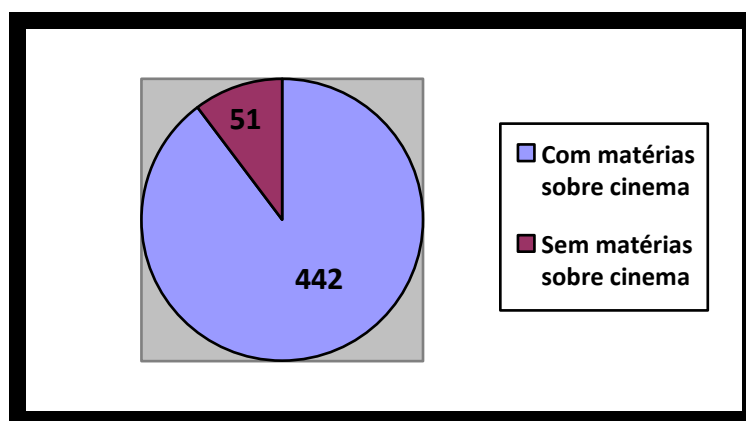


Figura 1 – Gráfico de Matérias sobre Cinema

Após uma separação preliminar encontramos 442 edições que mencionavam informações ligadas ao cinema, de alguma forma, seja com pôsteres, cartazes, grade de programação, colunas e até mesmo notícias locais sobre a sala de cinema ou personalidades importantes. Dessas 442 edições que mencionavam cinema de alguma forma citaram o cinema encontramos 138 números que mencionava filmes seriados.

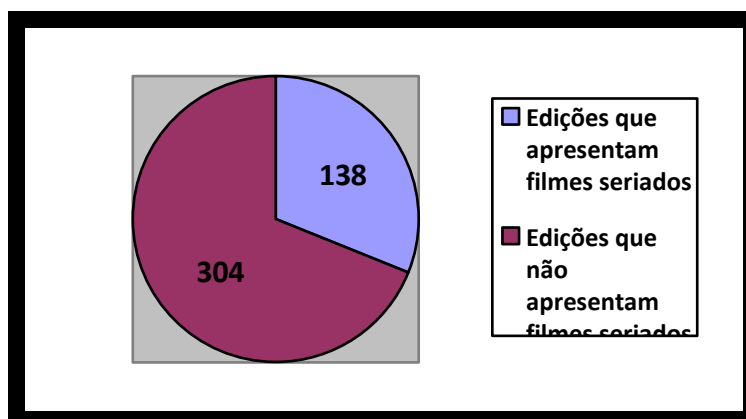


Figura 2 – Gráfico de Filmes Seriados

Ao nos depararmos com esse número notamos que é relevante estudar essa prática de apresentar filmes em capítulos. Com o universo da pesquisa mais delimitado escolhemos analisar estas 138 edições em busca dos gêneros mais apreciados e a frequência com que apareciam e então verificar se tais filmes contribuíam de alguma forma no processo de construção da identidade da população de Novo Hamburgo.

Vamos percorrer brevemente a história do cinema, desde seu início até os anos 1930. A passagem do cinema mudo para o cinema falado e a introdução da cor nos filmes, são fatos que Novo Hamburgo experimentou nestes dez anos pesquisados.

1. A CONSOLIDAÇÃO DO FILME LONGA METRAGEM

De acordo com Turner (1997), o ato de sair para assistir um filme é um evento, mas que envolve uma longa preparação, desde a escolha do título que geralmente é motivada por elementos já existem na vivência do espectador, a apreciação do tipo de história, reconhecimento dos atores, mesmo uma lembrança pessoal que venha a corroborar com esta escolha. É correto mencionar que boa parte desses elementos que fazem parte do espectador para a escolha de um filme são elementos intrínsecos que vem no inconsciente do sujeito, até porque o cinema demorou bastante para ter a forma e a importância que tem hoje.

O cinema demorou um pouco para fazer parte da vida da população como um grande evento de prática social. A introdução da sonorização foi uma grande responsável por isso. *The Jazz Singer*, O Cantor do Jazz, causou furor sendo o primeiro filme inteiramente sonoro, consolidando assim o filme em longa-metragem.



Figura 3 - O Cantor do Jazz

Mas, de acordo com J.Pereira (S.D) o cinema nunca foi mudo e o correto seria registrar o início do cinema falado e não o fim do cinema mudo. Ele defende que desde as origens do cinema evidenciou-se a necessidade da música. E desde o aparecimento da imagem em movimento, a música o acompanhou desde as suas origens. Os filmes eram



acompanhados por uma orquestra ou algum outro tipo de entretenimento musical ao vivo. Turner (1997) coloca que este tipo de entretenimento “extra” encarecia consideravelmente os custos do ingresso e que a passagem do cinema mudo para o cinema sonoro foi um grande desenvolvimento tecnológico que veio para satisfazer a necessidade do público que ansiava por mais realismo.

Houve muitas especulações sobre as reais razões da inserção do som na indústria cinematográfica. Sklar (1975), conta que alguns afirmam que os grandes em Hollywood estavam com sérios problemas financeiros e na década de 1920 o público era cada vez menor. E que outros argumentam que a Warner Bros, primeira companhia a utilizar o som óptico sofria o risco de falência e via no cinema falado sua última esperança. Mas, de acordo com Douglas Gomery (1976), a introdução do som foi apenas uma antecipação comercial do futuro. O correto é que em algum momento se notou uma necessidade de atrair mais público as salas de cinema e a inserção do som surgiu como uma solução que mudaria o rumo da indústria cinematográfica e o modo da sociedade perceber os filmes para sempre, Turner, (1997).

O cinema sonoro trouxe uma cara nova para o cinema, as narrativas sofreram mudanças, tornando os filmes muito mais realistas. O novo realismo se percebe não apenas esteticamente, as histórias passaram a ser mais complexas e os temas mais elaborados. Turner (1997), fez que o fato das orquestras não serem mais necessárias e conseqüentemente os ingressos mais baratos atraíam mais platéia e assim a arte passou por um efeito mais democrático. No final da década de 1920 a Alemanha e a Rússia eram grandes concorrentes da indústria cinematográfica hollywoodiana. A qualidade dos filmes e a capacidade de comercializá-los tornavam estes países rivais perigosos, mas Hollywood ultrapassou seus rivais sendo o primeiro grupo a inserir som em seus filmes. A vantagem do som foi amplamente explorada, tanto que a partir desse novo advento surgiu um novo gênero cinematográfico, o musical. Os musicais nortes americanos se tornaram muito famosos tanto por explorar amplamente a novidade do som, quanto por colocar nas telas seus artistas famosos da indústria fonográfica.

2. A FUNÇÃO DOS GÊNEROS

Os gêneros dos filmes servem para muitos propósitos, além de facilitar a catalogação de títulos. Eles explicitam gostos e estilos, muitas vezes de forma



estereotipada servem de antecipação da história, poupam diálogos de apresentações desnecessárias que por muitas vezes deixam o filme falso e cansativo, Turner, (1997).

O termo gênero foi extraído de estudos literários e é empregado para descrever as convenções da narrativa que envolve a trama, personagens e até mesmo locais e cenários. Os filmes wester/faroeste, por exemplo, são reconhecidos e identificados antes mesmo de terminarem os créditos iniciais. Basta o clima árido, personagens rústicos e uma bola de feno rolando para que o expectador reconheça que está assistindo a um wester/faroeste, dessa forma ele já sabe o que esperar e as apresentações formais são desnecessários.

Os gêneros devem cumprir duas funções conflitantes. Confirmar as expectativas existentes do gênero e altera-los suavemente. Essa variação da expectativa oferece ao público o prazer do reconhecimento do familiar e a emoção da novidade. Segundo Turner, (1997), os gêneros são essencialmente dinâmicos. A disputa entre cineastas que desejavam deixar sua marca pessoal em seus filmes, os produtores que desejavam vender seus filmes ao público, que por sua vez queria consumir os filmes cujo gênero estivesse em alta trouxe muitos benefícios para o cinema e o dinamismo dos gêneros foi o principal deles.

Como os gêneros mudam e redefinem a si próprios de acordo com o estado atual da sociedade definiu o cinema como mercadoria. Desde que o cinema passou a ser visto essencialmente como mercadoria existe uma tendência de marginalização cultural e a maior parte dos filmes não é vista como uma forma de arte e muitas vezes alguns títulos recebem o desdenhoso título de “enlatados”, filmes prontos, sem grande elaboração em que o expectador só deve engolir a história sem questionamentos maiores. Mas, mesmo os grandes filmes comerciais apresentam elementos importantes de prática social. Turner, (1997) coloca que Roland Barthes apresenta pesquisas sobre cultura, onde a designa como processo que constrói o modo de vida da sociedade: seus sistemas para produzir significado, especialmente àqueles sistemas e meios de representação que dão as imagens sua significação cultural e é exatamente aí que o cinema se enquadra como um agente importante na vida da sociedade.

3. OS FILMES EM CAPÍTULOS EM NOVO HAMBURGO

Após a análise de 493 edições do jornal o 5 de Abril foi possível encontrar 232 filmes em capítulos. Geralmente, estes filmes eram apresentados da mesma forma que

os demais, contendo informação sobre com o nome do filme, atores e distribuidora. Para os filmes seriados e era acrescentada uma indicação do número de partes que o filme seria dividido. Nos primeiros anos existia uma distribuição bastante equilibrada de filmes hollywoodianos distribuídos por empresas como MGM, FOX e UNIVERSAL e alemães distribuídos pela UFA. Estes estudos acabaram por validar as convicções de Sklar (1975), que defende que o cinema falado foi o responsável por colocar os Estados Unidos como líder absoluto na distribuição de filmes. Exatamente como Skylar anteviu os Estados unidos passaram a ganhar destaque extamente por incluir falas em seus filmes, canções em seus musicais e ao mesmo tempo em que surgem anúncios como “mais um filme falado” ou “filme sonoro em 6 partes” os filmes da UFA passam a ficar cada vez mais escassos. Os gêneros mais assistidos durante estes dez anos analisados foram respectivamente: drama, comédia, wester/faroeste, ação aventura e outros gêneros como musicais, mistério e ficção científica que por aparecerem menos de duas vezes cada não foram tomados em consideração e ainda existiram filmes que ficaram sem identificação de gênero, pois não foi possível encontrar tal designação.

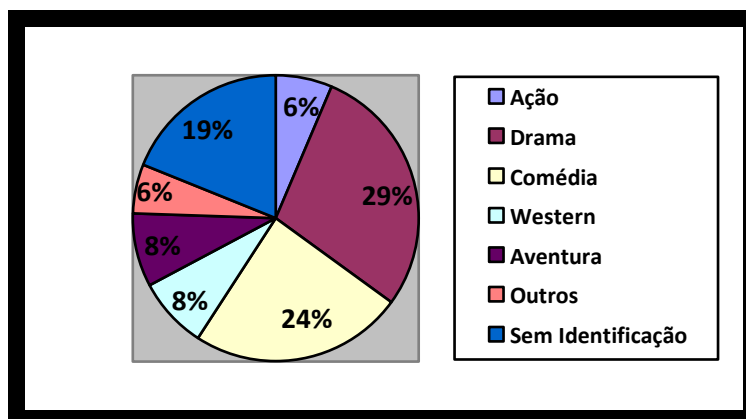


Figura 4 - Gráfico de Gêneros Cinematográficos

Drama: Entre o total de 232 filmes seriados exibido nas salas de Cinema Guarani e Carlos Gomes a maioria absoluta, com 29% de exibições o gênero drama. Foram 47 vezes exibidos filmes com essa temática, isso não significa 66 filmes, pois existiram algumas reprises e como se trata de filmes em capítulos um mesmo título dividido em 12 partes seria anunciado por semanas.

Dentre os 66 filmes exibidos optou-se por escolher apenas um e relatar um pouco sobre seu enredo e curiosidades para constatar se este realmente foi, de alguma forma, influenciador no processo de construção de identidade da Cidade de Novo



Hamburgo. O filme escolhido foi *Sem Novidades no Front* este título foi anunciado na edição o Jornal O 5 de Abril de vinte e quatro de março de 1932.

Com o título original “All Quiet on the Western Front”, este drama de 1930 demorou dois anos para chegar até a cidade de Novo Hamburgo. Com 147 minutos este filme foi dividido em 15 partes o que dava uma média de dez minutos para cada parte do filme. A trama conta a história um grupo de estudantes alemães, iludidos quanto às maravilhas da guerra por um professor ultranacionalista e resolvem se alistar no início da 1ª Guerra Mundial.

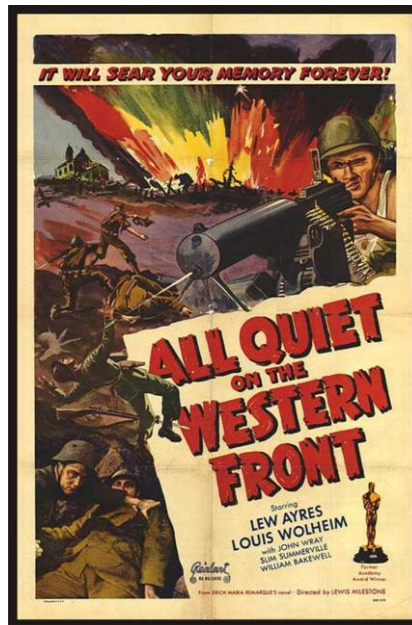


Figura 5 - Poster "*All Quiet On The Western Front*"

Este é um filme de idioma Inglês, feitos nos Estados Unidos, adaptado de um romance de autor alemão Erich Maria Remarque. A história do filme é contada inteiramente através das experiências dos jovens recrutados alemães e destaca a tragédia da guerra através dos olhos das pessoas. Como testemunha da morte, meninos e mutilação em todo lugar, qualquer preconceito sobre o "inimigo" e os "direitos e os erros" do conflito desaparecem, deixando-os irritados e confusos. O filme não é sobre o heroísmo, mas sobre o trabalho penoso, a futilidade e o abismo entre o conceito de guerra e o da realidade.

Comédia: Em segundo lugar com 23% dos filmes exibidos entre os anos de 1927 até 1937 ficou a comédia. Totalizando 56 exhibições.

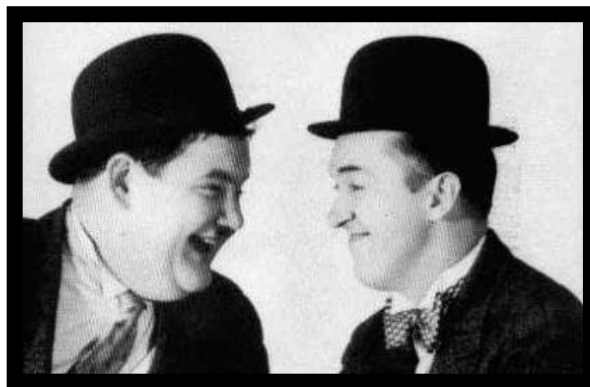


Figura 6 - Cena do Filme "Come Clean"

Dentre estes filmes optou-se por “Sejamos Camaradas”, esta comédia do Gordo e o Magro foi anunciado no jornal “O 5 de Abril” de vinte e três de novembro de 1934. Com o título original “Come Clean”, esta comédia de 1931 demorou três anos para chegar até a cidade de Novo Hamburgo. Com 20 minutos este filme foi dividido em 4 partes o que dava uma média de cinco minutos para cada parte do filme.

Western/Faroeste: Com 19 filmes, em terceiro lugar com 8% dos filmes exibidos entre os anos de 1927 até 1937 se salientou o gênero western/faroeste. Os filmes de cowboys se tornaram um clássico do cinema americano e pertencem a ele os primeiros filme a introduzirem os Estados Unidos como hegemonia do cinema mundial. O filme escolhido como representante dos 25 anunciados no Jornal foi “Bom como Ouro”, este western foi anunciado na jornal “O 5 de Abril” de vinte e nove de junho de 1928.

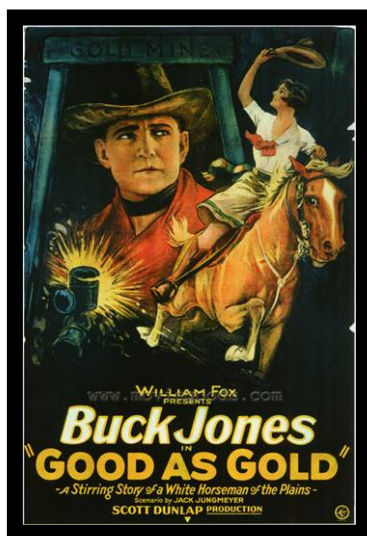


Figura 7 - Poster do Filme "Good as Gold"

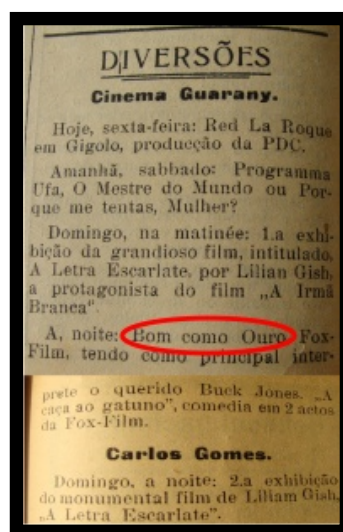
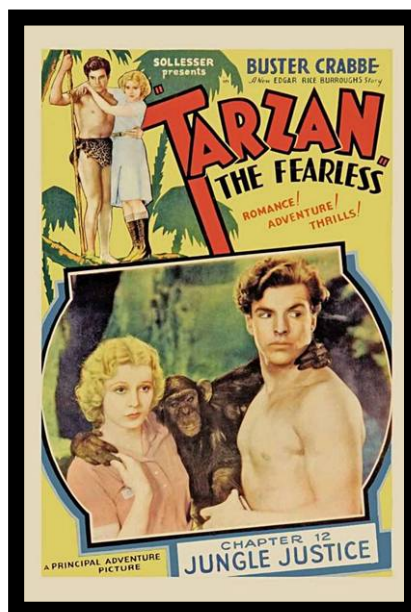


Figura 8 – Grade de Programação do jornal “O 5 de Abril”



Com o título original “Good as Gold”, este clássico do western (não falado) de 1927 demorou um ano chegar até a cidade de Novo Hamburgo e foi dividido em duas partes, não foi possível encontrar referências de duração do filme ou se ele já era dividido originalmente.

Aventura: Também com 19 filmes, empatado em quarto lugar com 8% dos filmes exibidos entre os anos de 1927 até 1937 houve o gênero aventura.



**Figura 9 - Poster do Filme
"Tarzan, The Fearless"**

Estes filmes eram muito parecidos com os clássicos de ação, onde um protagonista é desafiado por um antagonista e deve derrotá-lo utilizando seus dotes físicos, mas na aventura também existe a presença de um personagem feminino, o que acrescenta certo romance na trama. Como representante da categoria foi destacado o filme *Tarzan, The Fearless*, “Tarzan, o destemido”, este filme foi feito para ser uma série e originalmente foi dividido em 12 episódios de vinte minutos cada. A história é sobre um rapaz criado por macacos que luta contra malfeitores que invadem as selvas.

Ação: Com 15 filmes, em quarto lugar com 6% dos filmes exibidos entre os anos de 1927 até 1937 se firmou o gênero ação. Estes filmes envolvem um protagonista que é desafiado por um antagonista e deve derrotá-lo utilizando seus dotes físicos. Como representante da categoria foi destacado o filme “O rei das nuvens”, este filme já

foi feito para ser uma série e originalmente foi dividido em 12 episódios de vinte minutos cada, embora no jornal “O 5 de Abril” de treze de dezembro de 1936, fossem anunciados que o filme seria dividido em apenas 4 partes.



Figura 10 – Quadro do História em Quadrinhos "Tommy Tailspin"



Figura 11 - Cena do Filme "Tommy Tailspin"

Com o título original “Tommy Tailspin”, este clássico de ação (falado) de 1934 demorou dois anos chegar até a cidade hamburguesa e foi inspirado nas aventuras em quadrinhos sobre um jovem piloto.

Durante este período foram exibidos alguns filmes de ficção científica, mistério e outros gêneros menos conhecidos, mas optou-se por não mencionar gêneros que não foram apresentados mais de duas vezes. Existiram ainda quarenta e quatro, ou seis por cento, dentre os 232 filmes seriados exibidos que não puderam ser classificados quanto ao seu gênero.

4. CONCEITOS DE IDENTIDADE

Para analisar a construção das identidades dos novo-hamburgueses a partir da inserção do cinema e na sua divulgação no jornal “O 5 de abril” é importante observar como grupos ou comunidades mantêm referenciais, que os diferenciam ou aproximam, que os fazem parecer únicos, marcas de um território não demarcado, como o Vale do Sinos, que tem como referente o setor coureiro-calçadista. Para compreender as forças que atuam na formação de uma identidade, o que ela significa e a evolução histórica da



conceituação do termo, buscaram-se os esclarecimentos e problematizações do conceito de identidade em relação ao outro, ou seja, a relação de alteridade.

O imaginário social na construção de representações que atuam na formação de identidades é um processo analisado por Chartier (1991), que entende haver a necessidade de abandonar velhos paradigmas de uma história globalizante para buscar entender as sociedades e os seus funcionamentos a partir das suas particularidades. Segundo Chartier é necessário “penetrar” nas “relações” e “tensões” da sociedade, numa ação que tem como pressuposto a inexistência de “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações” (1991).

Para Chartier, a construção das identidades sociais pode se dar de duas formas. De um lado como um resultado do tensionamento das forças que compõem a sociedade; de outro como um reflexo da imagem que cada grupo tem de si mesmo e como age neste sentido. Nas palavras do autor:

Uma pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma. A outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer a sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, p183).

Desta forma, a identidade que cada sociedade tem ou constrói de si passa pelo seu entendimento e pela sua própria aceitação desta identidade, construída por práticas que derivam de representações coletivas. Segundo Chartier, as representações têm capacidade de seduzir sem o emprego de força, são construções que levam à construção de uma realidade, pois interfere no imaginário social.

Chartier demonstra que a teia de representações e seus significados encontra-se em constante construção, e que as representações recebem influências de acordo com os interesses dos grupos que as produzem, refutando assim a idéia de neutralidade dos atores sociais. Nas palavras de Chartier, embora as representações do mundo social aspirem à universalidade, “são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1991:17).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação as categorias que elegemos para a essa análise podemos dizer que os filmes em capítulos contribuíram para o processo de construção de identidade dos moradores da cidade de Novo Hamburgo.

O cinema era um rito programado. Hoje, ir à sala exibidora tornou-se uma extensão das compras nos shoppings. Antigamente, uma hora antes o cinéfilo tomava banho, vestia-se, penteava-se, raspava a barba, calçava o sapato e, pronto e arrumado, saía de casa em direção ao cinema. Existia um clima, uma atmosfera, uma comunhão. (PUHL; SILVA; STROËR. 2008, p.20)

Lembrando que Novo Hamburgo era uma cidade com poucos habitantes espalhados pelos bairros do município, o rito programado de ir ao cinema era um acontecimento cultural que permitia uma integração entre os moradores da cidade e os filmes em capítulos colaboravam com essa prática.

Este fato torna evidente quando se nota o destaque que se dava ao fato de um filme ser seriado. Algumas vezes somente a declaração “comédia em cinco partes” era anunciada, mas era o suficiente para os moradores saberem que quem assistiu a primeira parte possivelmente assistiria as demais e assim os filmes em capítulos acabavam por cumprir um papel de lazer e sociabilidade.

Os gêneros que eram mais presentes dentre os filmes seriados eram: o drama e a comédia, respectivamente em primeiro e segundo lugar. Estes dados contrariam nossa hipótese que os filmes de ação e histórias de aventura seriam os mais vistos, pois, eram mais leves e atraentes para esta prática de filmes em capítulos. As histórias mais complexas eram as preferidas pela sociedade hamburguense, basta citar o drama “Nada aconteceu no fronte”, vencedor de quatro Oscars e que ainda hoje é visto como um grande representante do gênero. Os filmes em capítulos eram tão importantes para a prática social dos moradores da cidade que até mesmo filmes que não eram originalmente seriados eram separados em capítulos.

É preciso informar as dificuldades em se realizar esta pesquisa. Os jornais foram coletados no Arquivo Municipal de Novo Hamburgo e era preciso dispor de muito tempo para encontrar e fotografar as edições, principalmente os primeiros números que já estavam bastante danificados, devido ao desgaste do tempo.



A maior dificuldade, porém, foi separar os filmes por gênero, já que o Jornal “O 5 de Abril” não possuía uma rigidez nas informações expostas, algumas vezes, só era anunciado o gênero do filme e em quantas partes ele seria dividido. Este tipo de divisão servia aos nossos propósitos de quantificação, mas não nos era possível verificar se tal filme fora originalmente dividido em forma de seriado ou se isto era uma prática local. Na maioria dos casos era identificado somente o título do filme em português e o número do episódio que seria exibido e o nome do ator principal, sem distinção de gênero. Como os registros de filmes dessa época são bastante raros, não encontramos material que mencionasse estes filmes pelo título em português e na maioria das vezes uma simples tradução não bastava, pois os títulos não apresentavam relação direta com o original.

Nestes casos, era realizada uma busca no site IMDB³ e a partir da filmografia do ator eram analisados filmes com em média dois anos antes da data de exibição em Novo Hamburgo. Este método não era inteiramente válido porque muitas vezes não era mencionado o nome de nenhum ator o que dificultou muito o trabalho.

O cinema, mais do que meras formas de entretenimento, foram personagens referenciais para estrutura urbana das cidades e para as relações sociais e culturais de seus habitantes. Se o som foi responsável pelo importante fato dos moradores de Novo Hamburgo, mesmo sendo descendente de alemães, deferirem filmes germânicos sem falas, em favor dos hollywoodianos falados, por outro lado, os filmes em capítulos forma responsáveis por incentivar a ida dos moradores ao cinema e assim permitir uma grande socialização.

O fato de filmes inteiros serem separados em capítulos mostra como o público aprovava esta socialização semanal. Estes pequenos capítulos levavam os moradores às salas de cinema e ao mesmo tempo eram uma peça colaboradora para o processo de formação da identidade cultural para estes espectadores hamburguenses que freqüentavam as salas de cinema da década de trinta.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand/Difel, 1998.

³ Site: www.imdb.com



- TURNER, Graeme. **O cinema como prática social**. São Paulo: Summus 1997.
- AUMONT, Jaques e outros. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus Editora, 2002.
- BARTHES, Roland. **O Obvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRESSAN, Renato. **Grindhouse: entre o Cult e o B**. Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora, Artigo, 2008.
- KATZ, Ephraim. **The International Film Encyclopedia**. London: Macmillan, 1979.
- LUMET, Sidney. **Fazendo Filmes**. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco, 1998.
- MACIEL, Luiz Carlos. **O Poder do Clímax**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MOURA, Edgar. **50 Anos Luz Câmera e Ação**. São Paulo: Senac, 2005.
- PARAIRE, Philippe. **O Cinema de Hollywood**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WATTS, Harris. **On Camera**. São Paulo: Editora Summus, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- PEREIRA, J. **Câmera, Ação! A fascinante história do cinema**. São Paulo: Edimax, SD.
- BENET, Vicente J. **La Cultura Del Cine: Introduccion a La Historia y La estética Del Cine**. Barcelona: Paidós Iberia, 2004.
- O mundo como representação**. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 May 2007. Pré-publicação.
- PUHL, Paula Regina; KERBER, Alessandro; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Jornalismo e identidade: o caso do jornal "O Cinco de Abril" em Novo Hamburgo**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2007. São Paulo, SP: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 14 fl Texto completo (recurso eletrônico).